

O QUE É POBREZA PARA ESTUDANTES DA EFA DE MARILÂNDIA?

Felipe Junior Mauricio Pomucheng

Resumo

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa realizada ao final de um curso de aperfeiçoamento em Educação, Pobreza e Desigualdade Social, na Universidade Federal do Espírito Santo e possui como objetivo geral apresentar os conceitos de pobreza expressos por estudantes da escola família agrícola de Marilândia, no estado do Espírito Santo, fazendo a ponte destes conhecimentos prévios dos educandos com o campo teórico. A escola recebe entre 30 e 40% de estudantes anualmente vinculados ao Programa Bolsa Família, e identificamos uma tendência em conceituar a pobreza apenas pelo aspecto financeiro, evidenciando a necessidade de se aprofundar os conhecimentos no campo curricular da escola rumo a compreensão da pobreza como um fenômeno multifacetado. Os estudantes pesquisados compreendem a importância do programa Bolsa Família como importante passo para superação das desigualdades sociais e diminuição da pobreza no país, não havendo sinais de preconceitos com o programa.

Palavras-chave: Pobreza; Desigualdade Social; Educação; Programa Bolsa Família.

WHAT IS POVERTY FOR EFA STUDENTS IN MARILANDIA?

Abstract

The present work is the result of a research carried out at the end of an improvement course in Education, Poverty and Social Inequality, at the Federal University of Espírito Santo and its general objective is to present the concepts of poverty expressed by students from the Marilândia agricultural family school, in the state of Espírito Santo, bridging the students' prior knowledge with the theoretical field. The school receives between 30 and 40% of students annually linked to the Bolsa Família Program, and we have identified a tendency to conceptualize poverty only by the financial aspect, highlighting the need to deepen the knowledge in the school's curricular field towards understanding poverty as a multifaceted phenomenon. The students surveyed understand the importance of the Bolsa Família program as an important step towards overcoming social inequalities and reducing poverty in the country, with no signs of prejudice against the program.

Keywords: Poverty; Social inequality; Education; Bolsa Família Program..

¿QUÉ ES LA POBREZA PARA LOS ESTUDIANTES DE LA EPT EN MARILANDIA?

Resumen

El presente trabajo es el resultado de una investigación realizada al finalizar un curso de perfeccionamiento en Educación, Pobreza y Desigualdad Social, en la Universidad Federal de Espírito Santo y su objetivo general es presentar los conceptos de pobreza expresados por estudiantes de la Marilândia. escuela familiar agrícola, en el estado de Espírito Santo, que une los conocimientos previos de los estudiantes con el campo teórico. La escuela recibe anualmente entre 30 y 40% de los estudiantes vinculados al Programa Bolsa Família, y hemos identificado una tendencia a conceptualizar la pobreza solo por el aspecto financiero, destacando la necesidad de profundizar en el conocimiento en el campo curricular de la escuela hacia la comprensión de la pobreza como un fenómeno multifacético. Los estudiantes encuestados entienden la importancia del programa Bolsa

Família como un paso importante hacia la superación de las desigualdades sociales y la reducción de la pobreza en el país, sin signos de prejuicio contra el programa.

Palabras clave: Pobreza; Desigualdad social; Educación; Programa Bolsa Família.

INTRODUÇÃO

A escola é marcada pela sua diversidade de sujeitos, culturas, histórias e memórias, sujeitos estes que extrapolam os muros da escola, mas adentram em toda realidade que envolve e influencia a instituição escolar. Porém, o sistema Capitalista ao manipular a educação, busca unificar o conhecimento, as ideias e as culturas, não enxergando a diversidade presente, propiciando uma relação injusta entre os diversos saberes (ARROYO, 2018; SANTOS, 2010).

Ao reconhecermos que a escola é um território complexo, entendemos que a mesma possui estudantes de diversas classes sociais, etnias, raças e gênero, e como no Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, no ano de 2018 o país possuía 66 milhões de pessoas em condições de pobreza, infere-se que estes sujeitos passam pela escola, ou seja, a Educação no Brasil recebe milhões de crianças e jovens em situação de pobreza, necessitando refletir como é esta passagem, uma necessidade para esta superação (ARROYO; 2015).

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou-se da metodologia do estudo de caso, onde filtramos nossos olhares para os estudantes do 9º ano do ensino fundamental da Escola Família Agrícola de Marilândia (EFAM), estado do Espírito Santo, ciente que o estudo de caso contribui para uma análise profunda do material estudado (MALHEIROS, 2011). O presente trabalho possui como objetivos, Conhecer os conceitos de pobreza, a partir do senso comum pelos estudantes do 9º ano do ensino fundamental da Escola Família Agrícola de Marilândia; Refletir o conceito de pobreza no campo teórico; e Analisar distanciamentos conceituais de pobreza entre o campo teórico e o senso comum.

Através de questionários fechados, coletou-se importantes conceitos expressos pelos estudantes da EFAM, sendo possível construir um panorama sócio econômico dos mesmos, a partir de elementos como idade, local de residência, raça, vínculo ao Programa Bolsa Família (PBF), dentre outros aspectos. Os conceitos de pobreza obtidos foram aprofundados e em seguida analisados com o campo teórico.

ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A TEMÁTICA

Tanto a escola como a pobreza interferem profundamente na vida do estudante, a ao articular o currículo da escola em diálogo com a questão da pobreza, constrói-se um espaço de debate sobre o conceito, as raízes e as condições para superação da desigualdade social. Devemos nos atentar que esta condição subalterna de vida interfere incisivamente no desenvolvimento dos estudantes na escola, pois na maioria dos casos, estes sujeitos estão em escolas precarizadas, não possuem acesso ao capital cultural que uma parte da sociedade, a classe média e alta possuem, e ainda em muitos casos precisam optar pelo trabalho ao invés de permanecer na escola para mais tarde adentrar na educação superior, como ressalta Arroyo (2015, p.07),

Assim, é necessário não apenas saber que as escolas estão repletas de meninos e meninas pobres, mas muito mais do que isso, é preciso também questionar quais as exigências essas vivências da pobreza, da precariedade material extrema, demandam de nossas práticas.

Não somente o direito a educação é negado para as classes pobres, como também o direito a saúde, moradia, trabalho, renda, alimentação são refutados rotineiramente aos sujeitos em condição de pobreza, e por consequência, acentua-se a desigualdade social no país e no mundo. Leão Rego & Pinzani destacam que a pobreza contribuiu com a exclusão social e econômica, no qual os pobres estão à margem de direitos fundamentais,

Convém pontuar que a pobreza leva a falta de instrução, uma vez que as crianças são obrigadas a deixar a escola para trabalhar e ajudar a família, enquanto a falta de instrução perpetua a pobreza, pois, sem instrução e qualificação, não há como entrar no mundo do trabalho e sair dessa condição. A exclusão econômica resulta, por sua vez, em exclusão social e política, visto que os pobres passam a viver à margem da sociedade, com pouca capacidade de se organizarem para fazer com que suas vozes sejam ouvidas (2015, p.07).

Devemos destacar que a garantia à educação é um dos principais caminhos para a superação das mazelas sociais, porém, não basta somente ter acesso a escola, pois se entendemos a pobreza para além do aspecto financeiro, devemos refletir que muitos jovens pobres não têm as condições necessárias para os seus estudos (local, tempo, livros...), e ressaltamos que o trabalho é fundamental para que o ser humano transforme e se transforme no meio, portanto, à medida que este começa a interferir na vida estudantil do jovem, consequências como a evasão escolar podem ser observadas.

Portanto, convém ressaltar que a permanência das crianças não é suficiente para que sua formação as ajude a sair do círculo vicioso da pobreza. a frequência escolar é uma condição necessária, mas não suficiente para garantir uma boa educação: sem escola de qualidade, sem boas condições de estudo em casa, sem apoio de pais e professores, as crianças de famílias pobres muito dificilmente conseguem obter bons resultados e alcançar um nível de instrução suficiente para ter mais chances profissionais na vida (LEÃO REGO & PINZANI, 2016, p.25).

Outro conceito importante a ser aprofundado é sobre o currículo, um espaço de reflexão e superação da pobreza, como também de manutenção das desigualdades sociais no campo teórico e prático. Quando o currículo de uma escola busca estabelecer uma neutralidade, acaba se tornando um ambiente propício para das injustiças sociais, uma postura que contribuiu para que se torne um espaço colonizado por uma ideologia dominante que prescreve os conteúdos e práticas, e como nos apresenta Arroyo (2015), sendo uma difícil tarefa construir tarefas que atuem num sentido “oposto”,

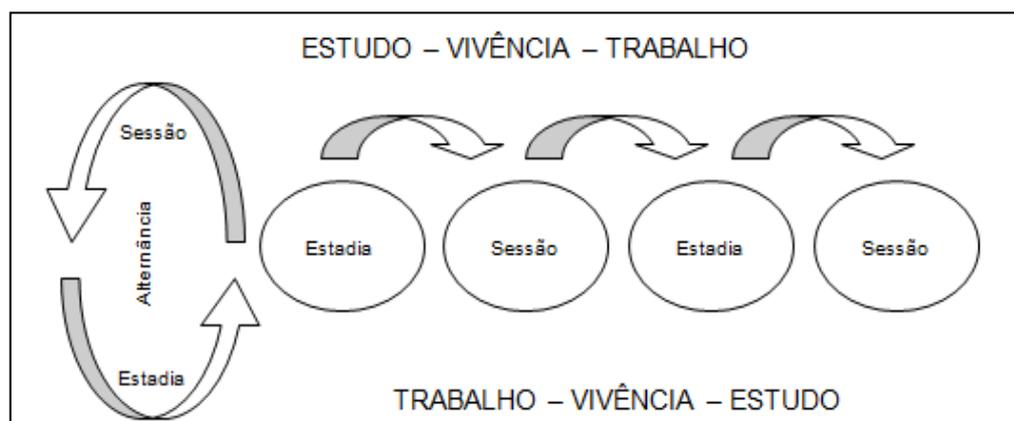
Construir currículos que garantam o direito dos(as) alunos(as) pobres a entenderem sua condição de pobreza não é tarefa simples, uma vez que os conhecimentos dos currículos continuam cultuando um conhecimento abstrato e conceitual que ignora, sobretudo, os sujeitos sociais e suas experiências. Relacionar currículo e pobreza exigirá aproximar os conhecimentos daquele com as experiências sociais da pobreza, com os sujeitos individuais e coletivos que as vivenciam; demandará colocar em diálogo suas indagações sobre pobreza,

suas causas, sua produção histórica com as indagações históricas que os conhecimentos dos currículos condensam (ARROYO, 2015, p.20).

Neste sentido é fundamental construir um currículo que atue na perspectiva de emancipação dos sujeitos, currículos que discutem a realidade da escola, onde os diversos saberes estão ali presentes, e que por consequência abordem o contexto sócioeconômico dos estudantes. Ressaltamos que não é uma tarefa fácil, pois esta perspectiva necessita de autonomia por parte das escolas em construir seus currículos, o que na atualidade de modo geral não ocorre, pois os mesmos são estabelecidos pelos sistemas de ensino que buscam unificar os conhecimentos que as diferentes escolas iram trabalhar, “O currículo é, portanto, um instrumento de poder da escola, sendo utilizado para manter ou propiciar mudanças na formação dos estudantes (POMUCHENQ; STACUL & LOCATELLI, 2018, p.18)”.

A Escola Família Agrícola de Marilândia é uma instituição que adota em seu funcionamento a Pedagogia da Alternância, no qual os estudantes alternam tempos e espaços de aprendizagem, convivendo uma semana integral na escola (sessão) e uma escola integral com a família (estadia), uma proposta de ensino que surgiu na França em 1935 e chegou ao Brasil em 1968 com a criação do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES) (SILVA, 2012; NOSELLA, 2012).

Figura 01 - Dinâmica da Pedagogia da Alternância



Fonte: MEPES, 2016, p.29

A EFA de Marilândia é uma escola do Campo, sendo que a maioria dos seus estudantes estão vinculados diretamente ao contexto agropecuário, além de adotar um currículo orientado pela política da educação do campo. Esta escola é de abrangência regional, atendendo estudantes de Marilândia, Linhares e Colatina, no estado do Espírito Santo, com uma média anual de 180 a 200 estudantes divididos nos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), Ensino Médio (1ª a 3ª série) e Curso Técnico em Agropecuária.

Figura 02 – Slogan da EFA de Marilândia



Fonte: Arquivo do autor

De acordo a secretaria da escola, no ano de 2019 a instituição possuía 83 estudantes vinculados ao programa Bolsa Família, o que representa 43,9% do quantitativo de estudantes. Percebe-se então um aumento se compararmos com os estudos de Pomuchenq; Stacul & Locatelli (2018), no qual em 2017 a escola possuía 34,72% de estudantes no PBF, ou seja, 50 estudantes. Estes números destacam a necessidade de a escola atuar numa perspectiva de encontro com esta realidade, de debater a pobreza e as desigualdades sociais. Os mesmos estudos de Pomuchenq; Stacul & Locatelli (2018) abordavam fragilidades no currículo da escola quanto a esta temática, distanciando com as orientações da pedagogia da alternância em especial o estudo partindo da realidade. Foram identificados ainda, iniciativas a partir dos conteúdos de ciências humanas que levem a reflexão das desigualdades sociais que existem na sociedade,

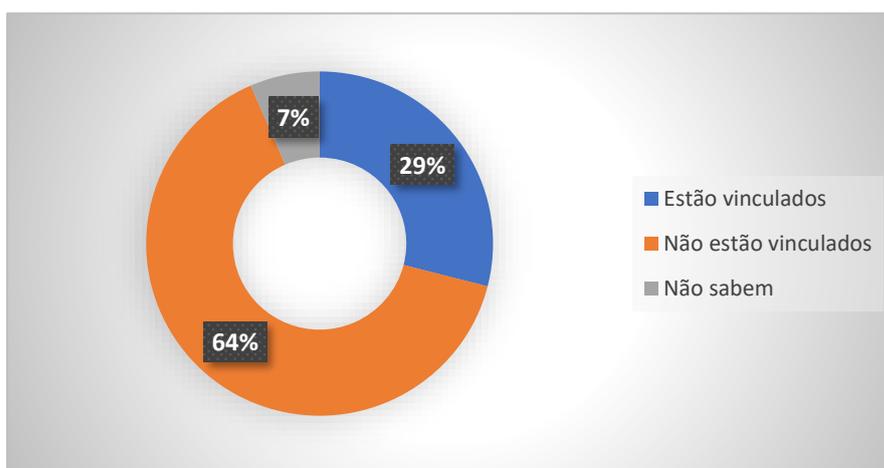
Realizamos as seguintes reflexões sobre o fato da concentração de temas sociais apenas nas ciências humanas. A primeira é de reafirmar a importância desta área do conhecimento no estudo do ser humano e das relações sociais, contribuindo para a compreensão de diversos processos injustos que ocorrem com certa “naturalidade” na sociedade. A segunda reflexão baseia-se numa crítica ao currículo escolar, pois a ausência destes temas em outras áreas contribui para a fragmentação dos conteúdos, e consequentemente o estudo isolado entre as disciplinas, sendo que a integração dos mesmos possibilita maior aprendizagem por parte dos estudantes (POMUCHENQ; SATCUL & LOCATELLI 2018, p.22).

A COMPREENSÃO DA POBREZA PELOS ESTUDANTES DO 9º ANO

No dia 21 de março de 2019, foi aplicado o questionário aos estudantes do 9º ano do ensino fundamental da EFAM, sendo que inicialmente houve uma explanação sobre os objetivos desta pesquisa e os caminhos da mesma, ressaltando como estes dados seriam utilizados, e que ao final seria dado a turma um retorno sobre os resultados obtidos. A turma possuía 31 estudantes, sendo que houve 100% de presença no dia da aplicação do questionário, e todos se dispuseram a contribuir a partir das respostas ao questionário.

Os estudantes possuíam faixa etária entre 13 e 15 anos de idade, sendo que em suas casas residem entre 02 e 07 pessoas incluindo o pesquisado. Quanto à profissão dos responsáveis, identificamos: Agricultores, Doméstica, Comerciante, Pedreiro, Caminhoneiro, Assalariados e motoristas. Do total de estudantes da turma, constatou-se que 83% residiam na zona rural e 17% na zona urbana, demonstrando que, nesta turma, a escola atinge o seu público alvo, que são os filhos dos camponeses, sendo que todos estudantes que relataram estar vinculados ao PBF, residem no campo.

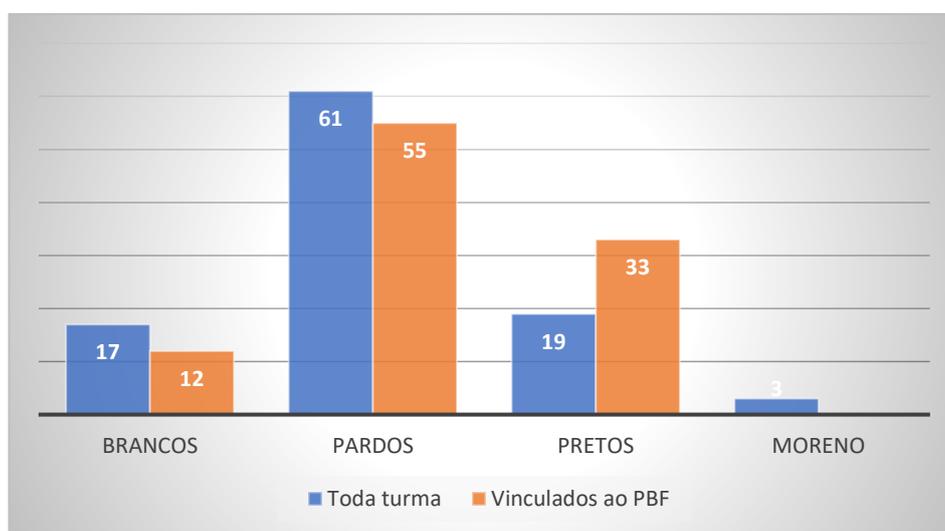
Gráfico 01 – Vínculo ao PBF pelos estudantes



Fonte: Pesquisador

Perguntados sobre a cor/raça o qual se reconhecem, identificamos um alto número de estudantes Pardos e Pretos, sendo que quando se analisa em separado os estudantes vinculados ao PBF, em condição de pobreza, fica evidente que são sujeitos do campo pardos e negros em sua grande maioria, acentuando as desigualdades sociais como historicamente este público vem sofrendo em nossa sociedade.

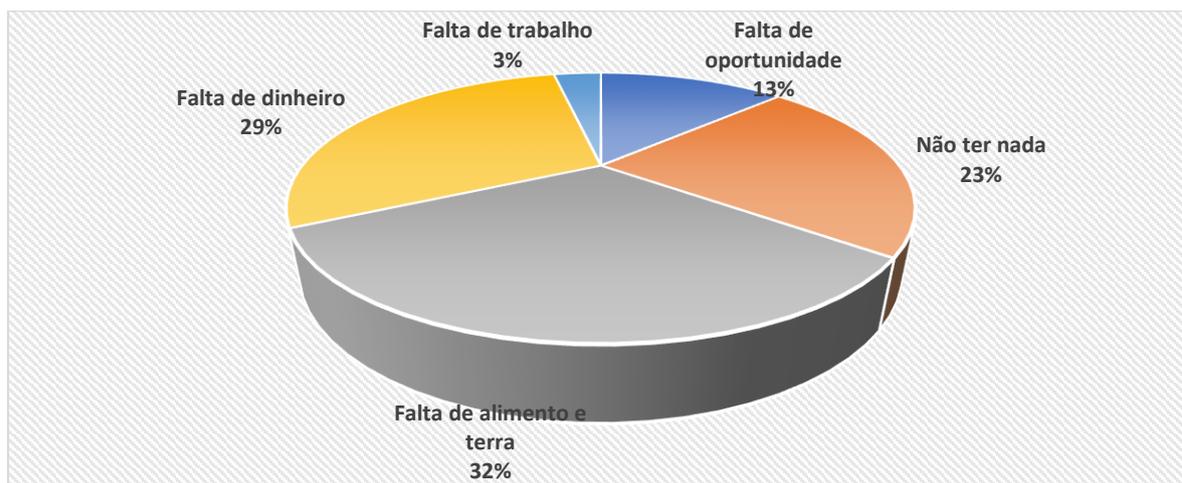
Gráfico 02 – Raça/Cor dos Estudantes do 9º ano



Fonte: Pesquisador

Após esta caracterização dos estudantes que compõem a turma pesquisada, os mesmos foram questionados sobre o que compreendem por pobreza. Observamos que os estudantes sempre relacionam a pobreza com a falta de algo, sendo principalmente dinheiro e alimentação. Podemos verificar no gráfico a seguir as compreensões dos estudantes sobre a temática, após realizarmos o agrupamento das falas em algumas categorias.

Gráfico 03 – Compreensões de Pobreza por estudantes da EFAM



Fonte: Pesquisador

Percebemos a partir dos resultados expressos no gráfico que os estudantes ainda abordam a pobreza de acordo com as condições de vida das pessoas, ao relacionarem com os bens que adquirem, ou ainda do modo de vida de um pobre e uma pessoa com classe média, como ressalta um educando, “É quando uma pessoa não tem condições de comprar algumas coisas, que para uma pessoa de classe média utiliza diariamente”, percebemos neste conceito que o estudante elabora sua fala a partir de uma perspectiva de consumo pela sociedade, ou seja, o viés econômico também está alinhado a este conceito.

Alguns estudantes classificam a pobreza em um conceito mais amplo, trazendo outros aspectos para além do financeiro, como por exemplo, em relação ao acesso à terra e por consequência a produção de alimentos, “Pobreza é, você não ter muitas condições para fazer nada. É não ter alimento em abundância ou sequer uma área para fazer plantio de alimento”. Outros estudantes ainda relacionam a pobreza com a falta de água, saneamento e moradia,

“Pobreza é a falta de recursos, como dinheiro, comida e água e saneamento básico, que afeta as minorias”,

“Quando uma pessoa é muito necessitada e não tem nada, nem aonde morar”,

“Falta de alimento, não ter condições de ter uma cama para dormir, etc.”.

Estes conceitos acima, por mais que expressem o aspecto financeiro direta ou indiretamente, abordam também outros elementos que influenciam no bem estar das pessoas, e por consequência na geração de mais famílias pobres. Compreendemos assim como Arroyo (2015) e Rego & Pinzani (2015), que a pobreza é multifacetada, e, portanto, observar somente a questão financeira é insuficiente para classificar uma pessoa pobre, desta forma, é fundamental pensarmos que o caminho para a superação da pobreza passa por

romper as desigualdades sociais que afetam principalmente a condição de vida das populações vulneráveis.

Importante ressaltar também que alguns conceitos empregados pelos estudantes estão relacionados com o acesso ao trabalho, e estes conceitos são importantes, pois, a partir do trabalho o ser humano se insere no mundo e nele se modifica, desta forma, estar num trabalho é fundamental para estar no mundo e ter acesso aos bens que a sociedade produz.

“Pobreza é pessoas que não trabalham e não tem dinheiro para que possa colocar seu alimento na mesa”,
“É você não ter como trabalhar, comer e não ter ajuda de ninguém”,
“São pessoas sem oportunidade”.

Quanto à importância do bolsa família, identificamos que dois estudantes não sabem dizer sobre o programa, enquanto todos os demais que responderam ponderaram que o PBF é uma fonte de renda que contribui para as famílias, desempregadas ou não, e desta forma poderem adquirir alimentos, materiais escolares ou outros bens que se achar necessário, como destaca um estudante vinculado ao PBF, “Ele é importante para as famílias que tem filhos que estudam, é que ajudam a suprir as necessidades, os que não tem muitas condições”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desta pesquisa, percebemos como que a pobreza e está presente nas escolas, sendo que muitas vezes os estudantes oriundos de famílias pobres são impostos a se adequarem aos modos de vida dos demais sujeitos, e assim, processos de reprodução da sociedade desigual no qual vivemos se perpetua na escola.

Pontua-se ainda que a pobreza é vista pelos estudantes pesquisados vinculada sempre ao aspecto financeiro, como impossibilidade de acessar os bens da sociedade. Tal constatação carece de profundas reflexões, pois é preciso pensar nas condições de moradia, saúde, acesso à educação e trabalho, alimentação dentre outros aspectos para se “classificar” uma pessoa na condição de pobreza, e ainda observar os perversos processos históricos, onde moradores do campo, mulheres e negros são os mais afetados pelas profundas desigualdades sociais que se fazem presentes na sociedade capitalista.

Destacamos também que o Programa Bolsa Família atua de modo fundamental na superação das desigualdades sociais, pois além de contribuir com uma renda mensal para as famílias em condição de pobreza, através do PBF os estudantes se motivam a permanecer na escola, pois podem adquirir os materiais didáticos. Ao entrarem no processo de formação, estes estudantes têm as possibilidades (mesmo com algumas limitações) de avançarem nos estudos e posteriormente melhorarem sua condição de vida a partir do ingresso no mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. *Módulo Introdutório: Pobreza, Desigualdades e Educação*. Curso de Aperfeiçoamento em educação, Pobreza e Desigualdade Social. Ministério da Educação. 2015.

_____. *Módulo IV: Pobreza e Currículo: Uma Complexa Articulação*. Curso de Aperfeiçoamento em Educação, Pobreza e Desigualdade Social. Ministério da Educação, 2015.

_____. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 49ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

MALHEIROS, Bruno Taranto. *Metodologia da pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL DO ESPÍRITO SANTO (MEPES). *Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI)*. São Gabriel da Palha, 2016.

NOSELLA, Paolo. *Educação do Campo: origens da pedagogia da alternância no Brasil*. Vitória: EDUFES, 2012.

POMUCHENQ, Felipe Junior Mauricio. STACUL, Rosângela. LOCATELLI, Andrea Brandão. O espaço da pobreza no currículo: O caso da Escola Família Agrícola de Marilândia. In: DICKMAN, Ivanio. *DNA Educação*. São Paulo: Dialogar, 2018, p.8-27.

REGO, Walquiria Leão; PINZANI, Alessandro. *Módulo I: Pobreza e Cidadania*. Curso de Aperfeiçoamento em educação, Pobreza e Desigualdade Social. Ministério da Educação. 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Lourdes Helena. *As Experiências de formação de jovens do campo: alternância ou alternâncias?* Viçosa: UFV, 2012.

Submetido em abril de 2021

Aprovado em julho de 2021

Informações do(a)s autor(a)(es)

Felipe Junior Mauricio Pomuchenq
Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Metropolitana de Santos, Graduado em Educação do Campo – Ciências da Natureza pela Universidade Federal de Viçosa, Mestre em Ensino na Educação Básica pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor e Diretor na Escola Família Agrícola de Marilândia – Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo. Professor Substituto na Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus.

E-mail: felipemaucio03@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0053-1779>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3560691065458516>